

Os recados chilenos de FHC ao país

Viagem
A uma certa altura da viagem do presidente Fernando Henrique Cardoso ao Chile, estabeleceu-se uma discussão bizantina com alguns registros, ainda que fluidos, aqui e ali, na imprensa brasileira. Enquanto o presidente brasileiro assumia posição inédita na crítica aos mecanismos internacionais de controle do sistema financeiro mundial, com atrevimento dava-se ao direito de palpar sobre a agenda da próxima reunião do grupo dos sete países mais ricos do mundo e assumia internacionalmente o compromisso de que o Brasil fará as reformas necessárias à sua inserção no capitalismo moderno, travou-se um debate em torno da utilidade da viagem, cuja ótica primou pela miopia.

Se não foram óbvios, talvez seja então neces-

sário explicar com mais clareza os recados enviados do Chile pelo presidente ao Brasil. Imaginar que resultados de viagens internacionais de um chefe de Estado possam ser medidos na proporção direta de vantagens comerciais auferidas de imediato ou na mão inversa dos custos que representam para o contribuinte brasileiro, é reduzir a importância das relações externas às dimensões de uma avelã.

Se o problema é saber que resultados pretende alcançar o presidente do ponto de vista interno, tomemos a questão das reformas constitucionais. Diante do Parlamento chileno, perante os maiores empresários do país, ante uma gente que há 20 anos vive a experiência de uma economia aberta e, por isso mesmo, alcançou um nível de vida ainda distante daquele sonhado pelo gigantesco, industrializado, mas perdido Brasil, Fernando Henrique disse em alto e bom som que do Congresso depende o nosso destino.

Assumiu, no entanto, o risco de garantir a aprovação das reformas sem saber, com certeza, se o seu compromisso será respaldado pelo Parlamento brasileiro. Fez uma aposta de longo alcance. Para fora, adotou o discurso do otimismo. Para dentro, enviou a mensagem do exemplo e do

desafio. Evidente que Fernando Henrique errará se tentar copiar por completo o modelo chileno. Uma coisa é um país com as dimensões do estado de Mato Grosso e o PIB de Minas Gerais. Que, ainda assim, enfrenta problemas agudos de pobreza, embora defronte-se com índices relativamente baixos (8%) de miséria.

Uma coisa é um país que inaugurou sua abertura econômica sob uma ditadura, níveis de desemprego que batiam em 30% e contradições abafadas sob o coturno de Augusto Pinochet. Outra coisa é o Brasil com suas demandas e deficiências de proporções amazônicas. Mas a natureza humana, seu direito ao progresso — social e econômico —, é uma só. Nesse contexto é que a visita de Fernando Henrique teve, entre outras utilidades, a de mostrar o que significam na prática as mudanças que agora propõe.

As críticas que fez ao FMI como instrumento controlador do sistema financeiro e a pregação em torno da necessidade de que o mundo de economia globalizada busque proteger-se contra os venenos originários no próprio remédio devem ser entendidas como um outro lado da mesma questão. Ou seja, se nos modernizamos nós de cá do Terceiro Mundo, que vocês do Primeiro se

modernizem de lá antes que sejamos todos engolidos por nossa própria modernidade. Os movimentos devem guardar paridades sem que, no entanto, se esqueça o quanto são díspares os interesses em jogo.

Quando Fernando Henrique diz que Michel Camdessus, do Fundo Monetário, defende o mesmo que ele, está apenas preservando regras da boa educação e convivência. Camdessus quer, na verdade, um FMI maior, enquanto a proposta, de cuja liderança no mundo em desenvolvimento Fernando Henrique inequivocamente já se apoderou, é a reestruturação global do sistema.

Este está minado senão apenas pela obsolescência, mas também pela total falta de sensibilidade política. Quando reclamou, em discurso na Cepal, em Santiago, que o FMI — à época em que era ministro da Fazenda — recusou US\$ 2 bilhões ao Brasil sob o argumento de que aqui não havia estabilidade política, o presidente não contou a história toda.

O verdadeiro motivo de sua irritação não foi a recusa, mas o fato de o mesmo socorro não ter sido negado, à época, à Rússia e ao México. Como se viu, era justamente onde morava o perigo.